

O MUNDO PÓS-11 DE SETEMBRO: UM BREVE APONTAMENTO

José M. Félix Ribeiro

O FIM DA GUERRA FRIA E A DINÂMICA DE FRAGMENTAÇÃO GEOPOLÍTICA

A implosão da URSS e o fim da Guerra Fria arrastaram o colapso de uma estrutura bipolar nas relações estratégicas e geopolíticas mundiais que, se levava ao agudizar de tensões em certos teatros regionais, mantivera sob controlo essas tensões, graças à intervenção de cada uma das superpotências junto dos estados do seu «campo». O funcionamento da dissuasão nuclear entre as duas superpotências, se não dispensava cada campo de se fortalecer em termos convencionais perante o outro, permitia que a gestão da dissuasão em termos de conflitos regionais fosse centralizada. Com o fim da bipolaridade, emergiu, lentamente, um novo enquadramento internacional caracterizado por uma maior fragmentação geopolítica e do qual se podem destacar, entre outros, os seguintes elementos:

- O crescimento da importância estratégica de um «Arco de Crise» que engloba a Ásia Central, o Médio Oriente, o golfo Pérsico, a Ásia do Sul e a Ásia-Pacífico (Coreias, Curilhas, estreito da Formosa e mar do Sul da China), em detrimento da importância estratégica central do continente europeu, característica do período da Guerra Fria.
- A emergência complexa, e possivelmente tumultuosa, de novas grandes potências (China, Índia e Irão) que tentarão afirmar-se primeiro como actores principais nos «complexos regionais de segurança» em que se inserem e que se localizam ao longo do «Arco de Crise».
- A afirmação dos EUA como única potência *ainda* com capacidade de projecção de poder ao longo deste «Arco de Crise» e com meios tecnológicos e financeiros para reduzir a vulnerabilidade do seu território às armas de destruição maciça em difusão (defesas anti-míssil).
- O declínio do poder externo (e da base económica interna) da Rússia, dividida entre os extremos da opção por um entendimento privilegiado com os EUA e uma aproximação aos principais aliados dos EUA durante a Guerra Fria – Alemanha, Japão e Turquia – e a utilização da ascensão de novas potências para tentar reduzir a capacidade de actuação externa dos EUA ao longo do «Arco de Crise».

DÉCADA DE 90 – OS EUA E A CONTENÇÃO DA DINÂMICA DE FRAGMENTAÇÃO GEOPOLÍTICA

No entanto, e ao longo dos anos 90, a actuação dos EUA permitiu limitar o potencial de propagação de crises ao longo do referido «Arco». Estes foram alguns dos pontos centrais de actuação americana:

- Depois da guerra Irão-Iraque ter terminado de forma humilhante para o Irão, este ficou limitado na sua capacidade de perturbação regional, tendo optado por reforçar a sua presença no conflito do Médio Oriente (através do Hizbollah), através de uma larga frente pan-islamista radical e de uma aproximação à Rússia. Depois da Guerra do Golfo foi a vez de o Iraque ficar isolado e enfraquecido, tornando possível que, durante quase uma década, uma das regiões mais perigosas do mundo tenha ficado aparentemente paralisada pelo duplo *containment* americano do Iraque e do Irão.
- Depois da Guerra do Golfo, os EUA apoiaram o relançamento, em novos termos, da negociação entre Israel e os palestinianos. Este processo foi materializado nos acordos de Oslo que asseguraram, de 1993 a 2000, um parêntese num dos mais intratáveis conflitos regionais.
- No Afeganistão, após a saída dos soviéticos, os EUA entregaram, na prática, a gestão geopolítica do país a uma aliança entre a Arábia Saudita e o Paquistão, os quais ensaiaram, sem êxito, sucessivas soluções étnico-políticas destinadas a estabilizar o país e acabaram por, em 1994, apoiar a tomada do poder pelos Taleban, cuja criação se ficou a dever ao Paquistão, que desde 1989, vinha também apoiando os movimentos islamistas radicais na Caxemira sob controlo indiano.
- Na Ásia-Pacífico, a China, depois de Tianamen, retomou a via das reformas económicas e mobilizou-se para a entrada na OMC, sem deixar, no entanto, de manifestar a sua determinação em vir a controlar Taiwan. No conjunto, parece ter

seguido uma política regional moderada; mas durante a década de 90 reforçou as ligações a potências islâmicas, nomeadamente ao Paquistão e ao Irão.

- Na península coreana, os EUA forçaram a Coreia do Norte a abandonar o seu programa nuclear e facilitaram o recomeço das relações com a Coreia do Sul. Isto sem,

DURANTE A DÉCADA DE 90 A DINÂMICA DA GLOBALIZAÇÃO E UM CONJUNTO DE INTERVENÇÕES DIPLOMÁTICAS E MILITARES DOS EUA PERMITIRAM MANTER SOB CONTROLO O PROCESSO DE FRAGMENTAÇÃO GEOPOLÍTICA NO «ARCO DE CRISE».

no entanto, conseguirem controlar as exportações de armas e tecnologia militar por parte do regime norte-coreano.

Ou seja, durante a década de 90 a dinâmica da globalização (com as perspectivas de crescimento que ofereceu às economias emergentes), associada a um conjunto de intervenções diplomáticas e militares dos EUA, permitiram manter sob controlo o processo de fragmentação geopolítica no «Arco de Crise».

De facto, nessa década, foi nas periferias da Europa (Balcãs e Cáucaso) que os conflitos foram mais graves, tendo sido determinante, na primeira das regiões, a intervenção dos

EUA e da NATO no sentido de travar o agudizar de processos de desintegração e de conflitualidade violenta.

Mas a seguir à I Guerra do Golfo, e de forma inicialmente subterrânea, foi-se estruturando uma estreita articulação entre um conjunto de pólos estatais e de movimentos pan-islâmicos – tanto sunitas como xiitas – apostados no confronto violento com os EUA e na subversão dos regimes árabes que com eles mantinham relações privilegiadas. Essa «nebulosa» foi-se estruturando em torno de:

- Irão/Síria/Hizbollah – este pólo, estruturação de uma larga frente pan-islâmica, integrando organizações políticas e grupos terroristas islâmicos, aproveitando as dificuldades do Iraque e o isolamento da Arábia Saudita face a todos os movimentos radicais que a abandonaram em 1990-1991 quando esta recorreu ao apoio militar dos EUA para responder à invasão do Kuwait pelo Iraque; o Irão ganhou uma crescente importância no conflito na Palestina, quer directamente por via do Hizbollah libanês, quer indirectamente pelo apoio financeiro e militar aos grupos radicais Hamas e Jihad Islâmica.
- Sudão – este pólo desempenhou um papel crucial na estruturação da referida frente pan-islâmica, sobretudo numa primeira fase (1991-1996), através do controlo da National Islamic Front, e do seu líder H. Tourabi, sobre o regime saído do golpe de Estado de 1989; Tourabi desempenhou um papel-chave na inserção dos Irmãos Muçulmanos em toda essa dinâmica e contribuiu para a fundamentação ideológica de uma colaboração estreita entre sunitas e xiitas contra os EUA e os estados árabes que com eles tinham relações mais fortes; a expulsão dos americanos da Somália foi a primeira grande concretização deste novo relacionamento; com Tourabi, o Sudão e o Irão forjaram uma aliança estratégica que facilitou ao Irão o acesso a infra-estruturas militares no mar Vermelho; foi no Sudão que bin Laden e os «árabes afegãos» por ele controlados se começaram a inserir na referida frente pan-islâmica dirigida pelo Irão¹.
- Paquistão e Arábia Saudita – com o regresso ao poder de Benazir Bhutto assistiu-se na política externa do Paquistão ao reforço da dupla vertente pró-islâmica e pró-chinesa que levou, por um lado, à criação dos Taleban e a uma aproximação ao Irão, e, por outro, ao reforço das relações com a China e Coreia do Norte; a Arábia Saudita, para não ficar excluída, envolveu-se no apoio aos Taleban; com a vinda de bin Laden para o Afeganistão, em 1996, criou-se a maior base de apoio ao terrorismo islâmico, sob controlo de sunitas, mas inserida num quadro de forte cooperação com o Irão.

O 11 DE SETEMBRO E A DINÂMICA DOS ACTORES

O 11 de Setembro de 2001 – o ataque às Torres Gémeas de Nova York e ao Pentágono, em Washington, por terroristas ligados à rede Al-Qaida, uma rede essencialmente árabe, mas tendo a base de treino e as estruturas de comando no Afeganistão – marcou o início de um período muito agitado ao longo do «Arco de Crise».

Os acontecimentos de 11 de Setembro revelaram a vulnerabilidade da principal potência mundial – os EUA – a ataques com efeitos potencialmente devastadores sobre

populações e infra-estruturas económicas e militares, lançados por organizações terroristas, actuando com a cumplicidade de sectores significativos de estados, inclusive de alguns que foram aliados dos EUA durante a Guerra Fria, e funcionando como estruturas paralelas de poder em estados devastados por conflitos.

Os acontecimentos do 11 de Setembro trouxeram para primeiro plano a Al-Qaida enquanto actor geopolítico não-estatal que deve ser visto não como um movimento fundamentalista islâmico mas como um movimento político radical, usando métodos terroristas, disposto a dar uma nova solução política unificadora ao mundo árabe, fundada numa certa leitura do Islão. A Al-Qaida opõe-se quer aos nacionalismos árabes de matriz laica e socializante, que a seu ver se revelaram incapazes de realizar essa unificação, quer às monarquias saudita e hachemita, consideradas como aliadas do Ocidente e por isso mesmo detestadas. O projecto político da Al-Qaida parece supor o acesso a armas de destruição maciça sob controlo árabe, uma utilização agressiva da arma do petróleo e uma alteração radical das expectativas das sociedades árabes que torne possível gerir com maior liberdade as receitas do petróleo. A Al-Qaida, contando com o apoio do Irão e do Paquistão e segura da sua base de apoio junto de sectores da Arábia Saudita, utilizou as relações estabelecidas durante a fase final da Guerra Fria para se implantar no Afeganistão, através dos Talebans, e para estreitar relações no interior do Paquistão, o único país islâmico detentor de armas nucleares.

Após o 11 de Setembro, e a derrota do regime taleban no Afeganistão, dois estados viram a sua posição internacional deteriorar-se substancialmente – Paquistão e Arábia Saudita; estados onde é visível a influência de movimentos fundamentalistas islâmicos que também suportam a Al-Qaida:

- O Paquistão foi obrigado a abandonar a sua estratégia de expansão em direcção à Ásia Central, com base numa aliança com os sauditas, para regressar a um relacionamento privilegiado, embora muito conflituoso, com a Índia, centrado na questão da Caxemira.
- A Arábia Saudita, além de ter sofrido uma pesada derrota no Afeganistão, viu a sua credibilidade como principal aliado dos EUA no Golfo seriamente comprometida e assistiu a uma aproximação entre a Rússia e os EUA, que não foi de imediato entendida como ameaça ao seu papel-chave na gestão do preço do petróleo; e regressou à questão palestiniana como principal meio para reforçar as suas credenciais árabes.

NO IMEDIATO PÓS-11 DE SETEMBRO DUAS POTÊNCIAS VIRAM AMPLIADO O SEU ESPAÇO POTENCIAL DE INFLUÊNCIA E RELACIONAMENTO COM OS EUA – A RÚSSIA E A ÍNDIA.

No imediato pós-11 de Setembro duas potências viram ampliado o seu espaço potencial de influência e relacionamento com os EUA, envolvidos na construção do dispositivo estratégico e geopolítico para assegurar a gestão do «Arco de Crise» – a

Rússia e a Índia. Qualquer dessas potências partilha com os EUA uma viva apreensão quanto aos movimentos islâmicos radicais e qualquer delas presta uma viva atenção ao modo de emergência da China como potência regional. Mas estas novas relações não

estão isentas de sérias dificuldades. Basta pensar nas dificuldades de convergência entre os EUA e a Rússia em torno do futuro do Iraque e das ambições do Irão.

Um melhor relacionamento dos EUA com a Rússia e a Índia colocaria em termos completamente novos – e mais desfavoráveis – a posição internacional da China, que veria a presença americana na Ásia Central, com o beneplácito da Rússia, como uma operação de cerco – se àquela aproximação se adicionasse uma maior ambiguidade dos EUA quanto ao estatuto futuro de Taiwan, a apreensão em Pequim cresceria. Com a reabertura de um espaço de tensão em torno do programa nuclear da Coreia do Norte, a China teve uma oportunidade única para valorizar a sua posição.

Os acontecimentos do 11 de Setembro aceleraram uma profunda mudança na estratégia dos EUA para lidar com as potências nucleares não-aliadas e com os estados que ameaçam tornar-se potências nucleares; esta mudança cristaliza-se no papel central das defesas estratégicas – envolvendo nomeadamente o abandono do Tratado ABM – e na ameaça de ataques preventivos convencionais contra estados que se aliem ao terrorismo internacional e levem a cabo programas destinados à obtenção de armas de destruição maciça que possam ameaçar os EUA ou os seus aliados regionais.

Após o 11 de Setembro, e face à revelação das cumplicidades, em especial iranianas e sauditas, na actuação da Al-Qaida, os EUA depararam-se com uma situação geopolítica muito grave no golfo Pérsico: tendo «perdido» o Irão no final dos anos 70, deparando-se com um Iraque hostil, se bem que limitado na sua capacidade de actuação, foram forçados a deixar de confiar na Arábia Saudita como seu principal interlocutor na região; uma das formas de resolver esta situação consistia em promover uma mudança de regime no Iraque que abrisse caminho à sua transformação no principal aliado dos EUA no Golfo. Essa foi a decisão tomada pela actual Administração norte-americana.

Os acontecimentos de 11 de Setembro ocorreram já depois do fracasso do processo de paz no Médio Oriente – tal como havia sido definido pelos acordos de Oslo – e da ascensão de Ariel Sharon ao poder em Israel. Esta coincidência torna mais difícil aos EUA encontrar uma plataforma que satisfaça os seus aliados árabes tradicionais – Jordânia, Arábia Saudita e Egipto (todos receando ser vistos como cúmplices da violência exercida por Israel sobre os palestinianos) – e responda às exigências de segurança de Israel, defraudadas pela actuação da Autoridade Palestiniana; estas dificuldades acrescidas na Palestina inviabilizaram a obtenção de um acordo expresso dos principais aliados árabes dos EUA, prévio a uma intervenção no Iraque.

A rápida vitória militar dos EUA no Iraque abriu a possibilidade de instalação de um regime democrático, de uma estrutura de Estado federal, de uma economia menos estatizada e de uma postura internacional menos alinhada com o nacionalismo pan-árabe tradicional nas décadas que se seguiram à descolonização. O derrube do regime de Saddam Hussein abriu, pela primeira vez, a possibilidade de afirmação regional aos árabes xiitas, através da sua influência na acção futura do Iraque, ao mesmo tempo que dava aos curdos o papel crucial na manutenção da integridade territorial deste país.

Estados vizinhos do Iraque como a Turquia, o Irão ou a Arábia Saudita – independentemente do que foi o seu maior ou menor alinhamento com os EUA durante a Guerra Fria – vêm com evidente preocupação uma evolução deste tipo e parecem hesitar quanto à postura a assumir perante ela. Essa hesitação não traduz mais do que a constatação de que a vitória militar dos EUA veio agudizar tensões políticas já existentes no interior desses mesmos estados.

As dificuldades de estabilização do Iraque, que têm a sua origem no interior do país, podem vir a ser agudizadas pela acção destes estados vizinhos, quer directamente pela actuação dos respectivos governos, quer indirectamente pela acção de forças não-governamentais que tenham a cobertura política suficiente para intervir com relativa impunidade.

A acção e a vitória militar dos EUA no Iraque foram obtidas contra a vontade de vários estados – desde a França à Rússia – que mantinham com o regime de Saddam Hussein uma relação no mínimo ambígua e desencadeou posteriormente uma convergência de vários movimentos e organizações árabes radicais que se têm lançado num conjunto de acções terroristas, em maior ou menor coordenação com os restos do aparelho de segurança do regime deposto. Por outro lado, tem sido lento o processo de edificação de um novo quadro político e institucional e intensos os confrontos envolvendo os xiitas, o grupo religioso mais numeroso do Iraque.

Os EUA não podem deixar de ter como objectivo estratégico no «Arco de Crise» a desnuclearização do golfo Pérsico; e se as atenções se começaram por concentrar na destruição do potencial químico e bacteriológico e na desarticulação do programa nuclear

do Iraque, a prazo, o maior risco para os EUA reside na emergência do Irão como potência regional dispondo de armas de destruição maciça e de um forte potencial militar; com efeito, uma das possíveis


OS EUA NÃO PODEM DEIXAR DE TER COMO OBJECTIVO ESTRATÉGICO NO «ARCO DE CRISE» A DESNUCLEARIZAÇÃO DO GOLFO PÉRSICO.

consequências de um Irão nuclear seria uma mudança de orientação na Arábia Saudita, envolvendo a obtenção de armamento nuclear, quer por via de uma já tradicional relação com o Paquistão, quer com uma «revolucionária» aproximação à China.

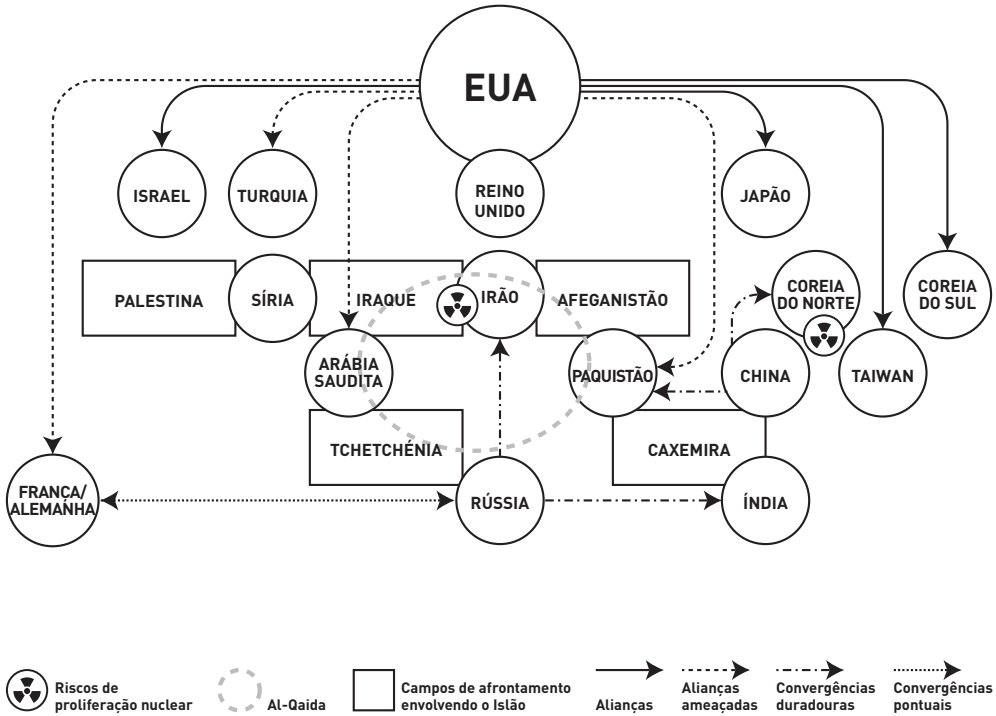
A ACTUAL POSIÇÃO GEOPOLÍTICA DOS EUA

Os acontecimentos do 11 de Setembro tornaram evidente a deslocação do centro de gravidade das tensões mundiais da Europa, onde residiu durante a Guerra Fria, para a Ásia e evidenciaram como actores fundamentais das décadas que se seguem países como a Índia, a China e o Irão, estados pertencentes a civilizações bem distintas das do Ocidente; a posição futura dos EUA na geopolítica mundial vai depender do modo como co-optarem algumas destas potências para o seu sistema de poder mundial, e da forma como neutralizarem a capacidade de outras se organizarem como pólos de oposição ao poderio americano.

A figura que reproduzimos na página seguinte procura ilustrar a difícil situação geopolítica em que se encontram actualmente os EUA:

- Com uma série de terrenos de confronto envolvendo países com maiorias islâmicas, sem poderem contar, pelo menos até agora e de forma segura e duradoura, com nenhuma potência islâmica do seu lado.
- Com a aliança europeia da Guerra Fria efectivamente dividida por um conjunto de países que apostam num mundo multipolar com menos influência dos EUA, e que simultaneamente se distanciam de Israel para se poderem aproximar de países árabes e do Irão.
- Com a dificuldade crescente em chegar a um entendimento com a Rússia, que se apresentava como possível no imediato pós-11 de Setembro, mas que hoje parece mais distante, após uma série de acontecimentos dos quais se podem destacar o abandono pelos EUA do Tratado ABM, o alargamento da NATO ao Leste e Sudeste europeu, a presença militar norte-americana no Afeganistão e na Ásia Central ex-soviética, a crescente influência dos EUA no Cáucaso (Azerbaijão e Geórgia) e, por fim, o derrube do regime de Saddam Hussein.
- Com potenciais aliados futuros como a Índia paralisados pelo receio de que um alinhamento declarado com os EUA prejudique as suas ambições de ascensão no sistema das Nações Unidas.
- Com uma actuação hábil da China que procurando evitar o confronto com os EUA nos próximos anos, pretende manter relações com os estados que mais podem perturbar no curto/médio prazo a actuação dos EUA – Paquistão e Coreia do Norte; e procura aproximar-se de todas as potências ou grupos de países defensores de um «mundo multipolar», que para a China significa um mundo com os EUA enfraquecidos e sem Nações Unidas que possam interferir na gestão da sua zona de influência asiática. 

POSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO ACTUAL DOS EUA



NOTAS

¹ Cf. Bodanski, Yossef, «Bin Laden, The Man That Declared War to America», FORUM, Nova York, 2001.